

**Uma análise da coluna “Em Sociedade”, do jornal Folha Regional:
o discurso voltado à mulher pato-branquense em 1975**

*An analysis of the column “Em Sociedade”, from the newspaper Folha Regional:
the speech directed to the pato-branquense women in 1975*

Alana Cristina de Grandis OLIVEIRA¹
Jozieli Camila CARDENAL²

Resumo

Os processos de comunicação trazem o caráter revelador das crenças, vivências e padrões comportamentais adotados pela cultura ao longo dos anos. Tal premissa torna-se evidente nos estudos comunicacionais que buscam entender a mudança de padrões e papéis sociais desempenhados pelos indivíduos de uma sociedade, dessa forma, é possível refletir acerca do papel da mulher em determinado tempo e espaço. Sendo assim, este artigo apresenta como a coluna *Em Sociedade*, do Jornal Folha Regional, retratou fenômenos sociais relacionados à mulher em 1975, na cidade de Pato Branco (PR). A partir das temáticas elucidadas, e por meio da análise dialógica do discurso, demonstra-se como o jornal impresso configura-se enquanto documento revelador da performance de gênero voltada à mulher e propõe-se uma problematização acerca do padrão social verbalizado, por vozes masculinas, que ditava regras, comportamentos e convenções que limitavam a presença feminina à determinadas esferas sociais.

Palavras-Chave: Análise dialógica do discurso. Estudos de gênero. Performance cultural. Comunicação local.

Abstract

The communication processes bring the revealing character of the beliefs, experiences and behavioral patterns adopted by culture over the years. Such a premise becomes evident in communicational studies that seek to understand the change in patterns and social roles played by individuals in a society, thus, it is possible to reflect on the role of women in a given time and space. Therefore, this article presents how the column *In Society*, of the Sheet Regional newspaper, portrayed social phenomena related to women in 1975, in the city of Pato Branco (PR). Based on the themes elucidated, and

¹ Graduanda em Comunicação Social com Habilitação em Publicidade e Propaganda do Centro Universitário de Pato Branco (UNIDEP). E-mail: alanacoliveira19@gmail.com

² Doutoranda do Programa de Pós-graduação em Desenvolvimento Regional (PPGDR), da Universidade Tecnológica Federal do Paraná (UTFPR). Professora do Curso de Comunicação Social com Habilitação em Publicidade e Propaganda do Centro Universitário de Pato Branco (UNIDEP). E-mail: jozieli.cardenal@unidep.edu.br

through the dialogical analysis of the discourse, it is demonstrated how printed newspaper is configured as a document that reveals the gender performance aimed at women and proposes a problematization about the verbalized social pattern, by male voices, that dictated rules, behaviors and conventions that limited the feminine presence to certain social spheres.

Keywords: Dialogic discourse analysis. Gender studies. Cultural performance. Local communication.

Introdução

Tendo como base os protestos revolucionários que chamaram atenção para a forma com a qual a mulher era não só vista, mas colocada na sociedade, fez-se necessário analisar como tais premissas impactaram diferentes culturas e modos de viver, em diferentes períodos históricos, buscando refletir e entender como a alternância do discurso, preconizado por ideais sobre agir e pensar, chega às pequenas localidades e, mais ainda, como sua materialidade é reproduzida pelos meios de comunicação vigentes em determinado tempo e espaço, acompanhando, assim, as normas do tecido social.

É certo que a comunicação possui em si, além do papel de informar e vender, a missão intrínseca de retratar determinada época histórica, enquanto recorte vívido deste tempo, tornando possível estabelecer não somente um estudo concreto acerca do tema proposto, mas, também, um entendimento profundo sobre a construção social e performática³ de gênero, especialmente no que refere-se ao papel social da mulher na sociedade. Neste caso, o recorte de análise proposto refere-se à cidade de Pato Branco, Sudoeste do Paraná, durante a década de 1970⁴.

Partindo da teoria da análise dialógica do discurso, proposta pelo linguista Mikhail Bakhtin (2007 e 2014), e valendo-se dos estudos acerca de gênero propostos por Judith Butler (2018), Silvia Federici (2019) e Adriana Piscitelli (2009), este artigo utiliza como *locus* de análise as edições da coluna *Em Sociedade* publicadas no Jornal Folha Regional, publicadas em 1975, com objetivo de entender e problematizar a forma como a mulher era retratada pelos principais jornais impressos da época, evidenciando o

³ A ideia de “performance”, neste artigo, baseia-se nos estudos de Judith Butler (2018), como será apresentado no tópico intitulado “A construção performática de gênero e do papel social da mulher”.

⁴ Neste contexto, Pato Branco foi uma cidade pioneira, pois tinha pouco mais de 20 anos de emancipação política quando os enunciados aqui analisados foram socialmente compartilhados.

impacto dessas mensagens tanto no cotidiano e na maneira de agir da mulher pato-branquense, considerando como essa construção impactou na sua presença em determinados espaços sociais, quanto na construção social do papel social do gênero feminino na mesma época.

Dialogismo e reprodução de sentidos sociais

Para entender como o impacto da coluna analisada se deu em seus mais diversos termos, bem como qual sua importância dentro da construção de sentido social proposta por Bakhtin (2007), primeiro é preciso entender o papel do enunciado, pois, conforme explicitado pelo autor (2007, p. 279), a língua enquanto código de comunicação se manifesta em forma de enunciados, tanto orais quanto escritos, expressados por integrantes de determinadas esferas de atividades sociais. A função do enunciado é refletir as condições e finalidades específicas dessas esferas, tanto por sua temática e por seu estilo verbal quanto por sua construção. Nesse sentido, os enunciados propostos na coluna *Em Sociedade* denotam um amplo entendimento sobre a relação dos leitores, bem como a sua forma de pensar, com relação à figura da mulher.

Ainda, ao compreender a importância do enunciado e o papel decisivo dos locutores e ouvintes nessa interação, utiliza-se o dialogismo proposto Bakhtin (2007), que se faz necessário para analisar de que forma os sentidos sociais são construídos coletivamente, por meio da interação entre os sujeitos na construção da enunciação, em que responsividade entre os interlocutores é o elo que traduz a dinâmica social em determinado espaço e tempo. Afinal, “[...] Toda compreensão é prehe de resposta e, de uma forma ou de outra, forçosamente a produz: o ouvinte torna-se o locutor. [...]” (BAKHTIN, 2007, p. 290).

Neste caso, admite-se a função dialógica da coluna *Em Sociedade* enquanto enunciado voltado para o gênero feminino, mas que traduz ideais preconizados pelos leitores do sexo masculino, ou seja, embora o principal público da coluna seja as mulheres, o discurso social inserido na mesma, bem como o fato de ser assinada por um homem, confirma que o dialogismo constrói enunciados que resultam da vida social. Aqui, portanto, não está sendo problematizado um fato isolado, mas sim a interação que desencadeia a vida em sociedade, pois “dois enunciados quaisquer, se justapostos no

plano do sentido (não como objeto ou exemplo linguístico), entabularão uma relação dialógica” (BAKHTIN, 2007, p. 345-346).

Pressupõe-se que a interação destes enunciados dentro do campo social, a partir da construção de sentido, é responsável pela construção dialógica – ou seja, pela forma aceitável de *ser mulher*. Portanto, entende-se, aqui, o dialogismo como a interação entre os indivíduos detentores do *poder de fala*, o que o autor categoriza como *senhores do pensamento*, pois:

[...] na medida em *que* ele é efetivamente validado por mim e seus valores são determinantes para minha vida (assim como os valores da mãe são determinantes para a infância), é que ele pode tornar-se o autor da minha vida, um autor que me é interiormente inteligível e tem *autoridade* sobre mim. (BAKHTIN, 2007, p. 167-168, *grifo do autor*)

Nesse contexto, considera-se que a mesma consciência interage dentro do campo dos enunciados de forma ativa, criando novas sentenças a partir de considerações antigas, aceitando-as ou refutando-as: um mesmo discurso começa a ser reproduzido ao passo que ganha novos sentidos sociais com base na construção de novos enunciados, com novos propósitos (BAKHTIN, 2007, p. 351).

Essa construção de sentido social denota de que forma o discurso voltado para a mulher manifestou-se ao entender que, sendo um homem o emissor da mensagem⁵, a reprodutibilidade de sentido social se deu pela assimilação e aceitação da mensagem escrita na coluna, ou seja, aquilo que era considerado *certo* para as mulheres, era explicitado por um homem. Para esta situação, admite-se um caráter de “senhor do pensamento”, afinal:

Quando o papel do outro é levado em consideração, é como um destinatário passivo que se limita a compreender o locutor. O enunciado satisfaz ao seu próprio objeto (ou seja, ao conteúdo do pensamento enunciado) e ao próprio enunciador. (BAKHTIN, 2007, p. 289-290)

No tópico quarto desde artigo, demonstra-se como a teoria dialógica do discurso é aplicada na análise da construção de sentido criada pela coluna *Em Sociedade*, uma vez que a mesma traduzia o papel social convencionado à mulher pato-branquense e vislumbrava ideais voltados à figura feminina. Todavia, antes de chegar à análise, no próximo tópico, problematiza-se a função social do jornal impresso que, muito além de

⁵ A análise mais profunda e embasada acerca da figura masculina será realizada no tópico intitulado “Análise da coluna *Em Sociedade*, a partir de enunciados publicados em 1975”.

propagar informação ou entretenimento, traduz o lugar social destinado às mulheres, reconhecido e retratado pela comunicação local, em que as leitoras do sexo feminino não eram emissoras das mensagens destinadas a elas – ou autoras de textos que denotassem outras realidades, que não somente a vida doméstica e familiar. Aqui, apresenta-se o jornal como meio enunciativo de reprodução e da construção performática de gênero vigente na época, como demonstrado a seguir.

A construção performática de gênero e do papel social da mulher

As teorias feministas questionam não somente a presença da mulher em determinados espaços sociais, mas também a sua ausência e invisibilidade em tantos outros, e de que forma estas são percebidas e convencionadas. Dessa forma, estudos acerca da diferença entre o gênero e sexo, observam-se que:

[...] sexo está vinculado à biologia (hormônios, genes, sistema nervoso e morfologia) e *gênero* tem relação com a cultura (psicologia, sociologia, incluindo aqui todo o aprendizado vivido desde o nascimento). O produto do trabalho da cultura sobre a biologia era a pessoa marcada por gênero, um homem ou uma mulher. (PISCITELLI, 2009, p. 123-124, *grifo da autora*)

Ao entender gênero enquanto construção cultural, portanto, ensinado e assimilado ao longo dos anos como um conjunto de comportamentos – leia-se também *papéis* – aceitáveis e desempenhados, e não como características advindas do sexo biológico, traçou-se uma linha que possibilitou compreender de que forma a presença social da mulher é convencionada a partir da construção social de sentido e do dialogismo reproduzido pelos indivíduos dominantes na esfera social. Condição esta, que também apresenta respostas para a ausência ou presença da mulher em determinadas funções sociais, e os respectivos significados dessas condições que, quando analisadas, revelam aspectos sócio-históricos.

Não obstante, ao compreender o gênero enquanto um reflexo cultural convencionado ao contexto em que está relacionado, observa-se, como afirma Silvia Piscitelli (2009) que ser homem ou mulher não é derivado do sexo biológico, mas sim, advém de aprendizados que variam segundo momento histórico, classe social e lugar em que se vive. Assim, ser homem ou mulher, em determinada época ou cultura, são definições que assumem significados e comportamentos diferentes, o que confirma a

pluralidade e a diversidade que constituem o gênero (PISCITELLI, 2009, p. 129-130). Logo, como é demonstrado adiante, o discurso aqui analisado, exemplificado pelos recortes enunciativos, nada mais é do que a reprodução de atos performativos de gênero condizentes com a cultura adotada não somente pela região, mas também a nível nacional.

Como explica Judith Butler (2018), a construção cultura de gênero materializa-se na forma de *atos performativos de gênero*. Butler (2018, p. 08) admite que “ser” mulher é acordar, vestir-se de elementos que denotem essa identificação e percepção e, assim, entende-se que o gênero não é fixo, portanto, pode ser alterado constantemente. Ser mulher, neste contexto, nada mais é do que uma forma de assumir significados dialogicamente criados e culturalmente aceitos, uma vez que:

O gênero não é, de modo algum uma identidade estável [...] ele é, pelo contrário, uma identidade constituída de forma tênue no tempo - uma identidade instituída por meio de uma repetição estilizada de atos. Além disso, o gênero, ao ser instituído pela estilização do corpo, deve ser entendido como a maneira cotidiana por meio da qual gestos corporais, movimentos e encenações de todos os tipos constituem a ilusão de um “eu” generificado permanente. (BUTLER, 2018, p. 03)

Vestir e performar o gênero, tal qual afirma Butler (2018, p. 11) em um palco teatral chamado “sociedade”, é reafirmar hábitos, costumes e regras sociais, bem como paternalistas. Para este estudo, o paternalismo é entendido como:

A relação de um grupo dominante, considerado superior, com um grupo subordinado, considerado inferior, na qual a dominância é mitigada por obrigações mútuas e direitos recíprocos [...] Como se aplica a relações familiares, deve-se observar que as responsabilidades e as obrigações não são distribuídas igualmente entre o grupo protegido [...] a subordinação das filhas meninas e das esposas dura a vida inteira. (LERNER, 2019, p. 290-291)

Além de não assinar os textos dirigidos para si, ao analisar a coluna *Em Sociedade*, este artigo demonstra que a performance da vida social e cotidiana em Pato Branco, na década de 1970, comunicada (e normatizada) por um homem, desenhava uma mulher subserviente, regrada aos afazeres domésticos, ao âmbito familiar e às obrigações religiosas. Esse fenômeno e as convenções de gênero, a partir deste, propõem um breve olhar sobre teorias feministas que problematizam a relação da mulher com o mundo do trabalho, conforme apresentado no tópico a seguir.

A relação da mulher com o mundo do trabalho

Na medida em que os movimentos igualitários se inflamaram nos contextos sócio-históricos nos quais a mulher estava presente, uma das grandes conquistas foi a participação – e, de certa forma, construção – na vida profissional.⁶ A relação da mulher com o trabalho inicia-se em um contexto amplamente marcado pelas perspectivas de gênero que as levaram a locais específicos de atuação profissional, pois como afirma Piscitelli (2009, p. 118) a junção da maternidade com as qualidades femininas e a feminilidade são fatores que contribuem para que a principal atividade da mulher seja a maternidade e, conseqüentemente, o espaço doméstico seja reconhecido como seu principal local de atuação.

Nesse contexto, o referido paradigma torna-se ainda mais evidente ao entender-se de que forma o êxodo trabalhista feminino passou a ser visto como uma força a ser explorada, não nas linhas de frente do cotidiano, ou nos cargos mais altos, mas nas linhas adjacentes destas. Portanto, é preciso observar que as mulheres passaram a ocupar num primeiro momento, como afirma Federici (2019, p. 50) cargos que eram como extensões de suas funções domésticas, sendo professoras, enfermeiras, empregadas domésticas e secretárias, coincidentemente todas as funções apreendidas dentro de casa, na vivência doméstica.

Esse fenômeno pode ser analisado sob a ótica da construção do discurso social com base nos atos performativos de gênero, afinal “[...] conseguir um segundo emprego nunca nos libertou do primeiro. Ter dois empregos apenas significou para as mulheres possuir ainda menos tempo e energia para lutar contra ambos”, (FEDERICI, 2019, p. 69). A reprodução do discurso social voltado para a mulher ganha um caráter massificado quando se analisa o contexto em que a figura feminina é retratada. Observa-se, assim, lutas muitas vezes “silenciosas”, em busca de conquistas ligadas ao espaço

⁶ É importante ressaltar que as mulheres conquistaram muitos de seus direitos por meio das mobilizações sociais e políticas provocadas por movimentos e estudos feministas. A primeira onda, ocorrida no início do século XX, buscava, principalmente, o direito ao voto e a participação da mulher na vida política; já na segunda onda, que aconteceu no contexto das décadas de 1960 e 1970, a discussão pautou-se em direitos reprodutivos e na sexualidade feminina, entendendo que a vida pessoal é (ou deve ser) um debate político. Por fim, a terceira onda feminista ocorreu durante as décadas de 1980 e 1990 com o surgimento dos primeiros grupos *punks* femininos. Nessa onda, as pautas abordadas através dos folhetins foram o patriarcado, a sexualidade e o empoderamento feminino (PISCITELLI, 2009).

social e ao trabalho, seguindo convenções absorvidas dialogicamente com base nos enunciados anteriormente compreendidos.

Não à toa, a saída dos lares para o mercado de trabalho foi amplamente criticada, não só pelos homens, mas também pelas mulheres, uma vez que esta significava algo sem precedentes, ou seja: deixar o lar em segundo plano, indo na contramão do papel imposto e performado, já que a primeira preocupação da mulher deveria ser cuidar da casa, do marido e dos filhos. Agir dessa forma seria passível de consequências severas, uma vez que Butler (2018, p. 06) a performance de gênero possui o propósito de sobreviver culturalmente, sendo assim, o mesmo é uma performance que envolve consequências claramente punitivas para os indivíduos que não agem de acordo.

Além disso, na vida da mulher pato-branquense que vislumbrasse trabalhar com comunicação na década de 1970, esse êxodo para o mercado profissional mostrou-se, de certa forma, um movimento pequeno e tímido em comparação à grande massa dominante, pois ao compreender a posição da mulher na busca por estar em um local outrora totalmente masculino, entende-se que para esta “[...] é quase impossível aproveitar qualquer liberdade se, desde os primeiros dias da sua vida, você tem sido treinada para ser dócil, subserviente, dependente [...]”, (FEDERICI, 2019, p. 44).

A participação da mulher no mercado profissional da comunicação em Pato Branco se deu pelos termos da *performance de gênero*, ou seja, pelo entendimento enraizado culturalmente no discurso da época, que foi disseminado por semanários como o Jornal Folha Regional, especificamente a coluna *Em Sociedade*, nas edições do ano 1975. O tópico a seguir visa entender as consequências desta presença.

Análise da coluna *Em Sociedade*, a partir de enunciados publicados em 1975: um breve histórico da imprensa pato-branquense

Pato Branco se destacou no que diz respeito à evolução dos meios de comunicação e dos suportes de veiculação – meios midiáticos por onde recebemos mensagens diariamente – no Sudoeste do Paraná. De fato, a preocupação dos pioneiros sobre como as famílias iriam se informar e interagir com o mundo, haja visto que a cidade foi referência para a instalação de um posto de telégrafo que originou o nome da cidade, e isso foi primordial para garantir à cidade o caráter evolutivo proporcionado pela comunicação.

Num primeiro momento, tem-se a atuação da Rádio Colmeia, inaugurada em 1954 que seria de grande valia posteriormente para a vitória do povo na Revolta dos Posseiros⁷, em 1957. Além dos jornais impressos, tais como o Correio do Sudoeste, o Jornal do Paraná, Gazeta do Sudoeste, Correio do Paraná e, aqui analisado, Folha Regional, que circulavam nas décadas de 1970 e 1980. Posteriormente a isso, enquanto as cidades do Sudoeste ainda desenvolviam suas frequências de rádio, a Rádio Colmeia foi se transformando na Rede Celinauta de Comunicação, que posteriormente implantaria a TV Sudoeste. Entre os jornais impressos, destaque para o Diário do Sudoeste, com circulação diária desde a década 1980.

O potencial comunicacional sudoestino revelou a importância da comunicação no que diz respeito ao caráter movente dos períodos históricos, uma vez que estes meios não somente acompanham as mudanças, mas, muitas vezes, contribuem para o fortalecimento e ressignificação de hábitos. Conforme os anos avançaram, o mercado comunicacional também cresceu e oportunizou o desenvolvimento em várias instâncias para a população. Demonstrado nos tópicos a seguir, a forma como a mulher foi representada, por uma sociedade conservadora e tradicional, foi responsável por resguardá-la à maternidade e ao dever doméstico, incentivando, ao mesmo tempo, que se mantesse bonita e recatada, a fim de cumprir com a performance esperada e convencionalizada para si naquele contexto social.

Presença *versus* Representação

A coluna *Em Sociedade* foi publicada no jornal Folha Regional, escrita por Erlindo Rosa, com a colaboração de José João Santos Silvério e Manoel Costa e sob direção de Getulio Rui Palma. O semanário circulava pelas cidades do sudoeste paranaense, com foco nos acontecimentos da sociedade de Pato Branco, e a coluna em si pode ser entendida como um entretenimento embasado nas consideradas “fofocas”.

Sendo o maior destaque da página em que era publicada, o objetivo da coluna era promover não somente a interação entre indivíduos da sociedade pato-branquense, mas, também, informar e entreter, admitindo um formato considerado de revista⁸ para

⁷ Maior movimento agrário já realizado no Brasil, cujo ponto crítico do conflito ocorreu em 09 de outubro de 1957 (CARDENAL; CORONA, 2017, p. 09).

⁸ Nesse momento, no Brasil, “as revistas [...] eram a principal forma de acesso à informação, ao lazer cultural e às novidades da cidade e do mundo” (MAUAD, 2014, p. 245). E, além disso, “eram antes de

um suporte essencialmente informativo, o que denota seu alcance e o poder de seu enunciado. Ao analisar os trechos escritos, é possível traçar um denominador comum de escolhas semânticas para se referir às mulheres, o que torna possível entender a extensão do pensamento do escritor e analisá-lo sob a ótica dialógica da reprodutibilidade.

As quatro edições aqui analisadas foram publicadas entre os meses de agosto e setembro de 1975 e fornecem pleno entendimento acerca da forma com a qual a mulher era representada e entendida pelos comunicadores, sendo assim, é possível construir um parâmetro que explique como a representação da mulher, em contrapartida com presença exercida enquanto objeto do ideário masculino, contribuiu para o desdobramento de uma realidade específica e da construção do sentido social. Ainda, analisar-se-á a construção dialógica objetivada para o leitor – masculino e feminino – através do discurso, tomando como base a interação de enunciados e a responsividade exercida, pois esta é responsável pela reprodução social do sentido.

Sendo assim, a coluna configura não somente a materialidade do discurso voltado para a mulher, mas também abre parâmetro para se entender de que forma a sua presença em determinados locais, principalmente na atuação profissional, foi recebida e assimilada pelos *detentores da palavra*, os responsáveis pelo pensamento socialmente aceito e culturalmente reproduzido.

A primeira edição analisada da coluna *Em Sociedade* corresponde à semana de 23/08/1975 a 30/08/1975, sendo a edição N°1 do Ano I. Além de trazer um breve informativo acerca da vida da sociedade pato-branquense, os acontecimentos em clubes e os casais vistos em público, a publicação traz trechos sobre concursos de beleza e a presença da mulher em determinados locais. Na imagem abaixo (figura 1), lê-se:

A propósito, já que se fala em festival, é bom que se pense logo na composição da mesa julgadora, que sem dúvida torna-se o pivô de qualquer concurso e pelo que se tem observado, não só em termos de Pato Branco, mas de Sudoeste, a formação do *Corpo de Juradas* quando da realização de festivais tem sido muito fraca. A presença de José Fernandes, por exemplo, seria uma boa pedida. Ou não?" [...] Já estão abertas [...] as inscrições para os *brotinhos* que desejarem fazer suas inscrições para o tradicional baile de vestidos brancos [...]. (ROSA, 1975, p.02, *grifo nosso*)

tudo uma vitrine que se abria ao consumo, cujo o público-alvo era o sexo feminino" (MAUAD, 2014, p. 245).

Figura 1: Folha Regional, 1975.



Fonte: Acervo da Biblioteca Municipal Professora Helena Braun

Apesar de o fato de a cidade realizar festivais e permitir mulheres comporem mesas de juradas ser considerado um avanço, ao analisar a forma como esses acontecimentos eram comunicados, entende-se que a presença das mesmas nesses espaços era marcada pela convenção de que seu comportamento deveria se dar de uma forma esperada e sua capacidade julgadora era inferior a de um homem. Além disso, a ocorrência do baile de vestidos brancos e a forma como as jovens eram apresentadas a sociedade, consideradas pelo próprio enunciado como pequenos “*brotinhos*”, denotam, novamente, pureza, subserviência e sua presença como mero espetáculo.

A foto colocada no fim do texto – quase que como uma assinatura, despedindo-se do leitor – intitulada em um quadro como “*A presença feminina*” ou “*A beldade da semana*”, sendo uma extensão da coluna, possui um caráter de vitrine, afinal, coloca-se a mulher enquanto objeto para chamar a atenção do leitor, uma vez que a foto em nada se relaciona com o que está sendo discutido na coluna em si; sua função é “embelezar” a página, sendo esse um dos maiores fatores acerca da performance de gênero feminina.

Podemos não servir a um homem, mas todas estamos em uma relação de servidão no que concerne ao mundo masculino como um todo. [...] “Sorria, querida, qual é o seu problema?” é algo que qualquer homem se sente legitimado a perguntar a uma mulher [...]. (FEDERICI, 2019, p. 46)

Já a edição N° 2 (figura 2) foi veiculada na semana seguinte, do dia 29/08/1975 ao dia 04/09/1975, e diferentemente da primeira edição, aqui as temáticas abordadas discorriam sob o título “*O Importante Incentivo a Arte em Pato Branco.*” Esta edição apresenta mais segmentações, utilizando subtítulos com temáticas específicas, e pode-se destacar a seção “*Rosana e Adriana*”, que traz como mensagem principal a presença de

duas jovens na cidade que “já se destacam nos acontecimentos da brotolândia.” (ROSA, 1975, p. 02, *grifo nosso*).

Figura 2: Folha Regional, 1975.



Fonte: Acervo da Biblioteca Municipal Professora Helena Braun

É preciso entender, também, como as convenções de locais sociais destinados às mulheres eram explicitadas nas ditas colunas, em especiais, os concursos de beleza e os famosos bailes de debutantes.

A propósito, sobre baile de debutante, esta tradicional apresentação da moça a sociedade, na festa do ano passado foi duramente criticado os vestidos em cores diversas, quando muitas deixaram de lado a pureza e a divindade do branco. A suavidade desta cor deveria ser mantida como um *floco de neve que cai aos olhos de quem vai ver os brotinhos* pela primeira vez na sociedade. (ROSA, 1975, p. 02, *grifo nosso*)

Ao considerar a utilização dos termos grifado para referir-se à sociedade feminina, o autor abre um parâmetro de interpretação específico. Em primeiro lugar, é possível entender que uma das nuances do papel de gênero voltado para a mulher, se não em sua totalidade, era servir de mero embelezamento à sociedade, algo a ser visto de longe e admirado pelos interlocutores da época. Em segundo lugar, denota um traço de competição feminina, esta que sempre foi grande conquista de uma sociedade engessada, e talvez tenhamos aqui o exemplo mais forte acerca da forma como a construção dialógica se voltava ao gênero feminino na cidade de Pato Branco, nesta época, e da maneira como tais enunciados, na interação com o leitor, atingiram o objetivo ao serem internalizados e reproduzidos socialmente como aceitos e corretos, sem julgamento prévio por parte da mulher leitora.

Ao observar a união dos enunciados propostos pela coluna no quadro “*A Presença Feminina*”, é possível entender uma associação que reforça o padrão do

discurso social adotado. Ao entender de que forma a mulher era retratada verbalmente, e dessa forma, alocar uma imagem real, também tornava realidade o propósito de tantas mulheres de rostos desconhecidos, cuja vontade e objetivo materializavam-se na normatização de participarem de concursos de beleza locais.

Nesse contexto, torna-se difícil a ocupação da mulher em outro espaço social que não seja a jovem beldade ou a dona de casa exemplar, pelo simples motivo de que a convenção social não só era aceita, mas replicada, visto que internalizar o pensamento vigente da época era a única opção. Não havia questionamentos, uma vez que ao colocar a mulher como meramente objeto belo para ser admirado ou “embelezar as páginas”, também era imposta essa condição social às leitoras, que não só assimilavam, mas também almejavam ter a foto colocada no quadro específico. Nesse sentido, volta-se à relação dialógica e normativa da construção social de enunciados que traduzem a vida coletiva e cotidiana:

Toda essência da apreensão apreciativa da enunciação de outrem, tudo o que pode ser ideologicamente significativo tem sua expressão no discurso anterior. Aquele que apreende a enunciação de outrem não é um ser mudo, privado da palavra, mas ao contrário um ser cheio de palavras interiores. Toda a sua atividade mental, o que se pode chamar o “fundo perceptivo”, é mediatizado para ele pelo discurso interior e é por aí que se opera a junção com o discurso apreendido do exterior. A palavra vai à palavra. É no quadro do discurso interior que se efetua a apreensão da enunciação de outrem, sua compreensão e sua apreciação, isto é, a orientação ativa do falante. (BAKHTIN, 2014, p.153-154)

Assim como o exemplo supracitado, a edição N°3 da coluna (figura 3), que foi veiculada na semana de 05/09/1975 a 11/09/1975, também trazia uma pauta específica, resumida no subtítulo “*Festival Está Confirmado Para Dezembro*”, e aqui, a informação pertinente à discussão destaca-se:

Foi sábado último à noite dos vestidos brancos [...] quando 13 brotinhos foram apresentados à sociedade. Foi uma noite inesquecível, cheia de alegria, graça e da beleza desta novíssima *safrá de “meninhas”*. [...] Da primeira Dama do Ballet Margot Fonteyn, que apresentou-se semanas atrás em Curitiba, sobre as mulheres e o casamento: “*A mulher não deve se preocupar em segurar um homem bonito; são os que causam incomodações. Deve escolher homem feio.*” (ROSA, 1975, p. 02, grifo nosso)

Figura 3: Folha Regional, 1975.



Fonte: Acervo da Biblioteca Municipal Professora Helena Braun

Salienta-se aqui a utilização dos termos “*saфра*” e “*meninhas*” para se referir a meninas que participaram de bailes promovidos pelo clube em questão, e além destas, também a palavra “*brotinhos*”, que são adotadas não somente como padrão para identificar as mulheres pato-branquenses, mas também como signo verbal que denotam a vivência feminina, uma vez que:

Um signo é um fenômeno do mundo exterior. O próprio signo e todos os seus efeitos (todas as ações, reações e novos signos que ele gera no meio social circundante) aparecem na experiência exterior. Este é um ponto de suma importância. (BAKHTIN, 2014, p.33)

Nesta edição, também é proposta uma inversão de papéis ao analisar-se a declaração de uma mulher acerca do casamento, que em muito se assimila com um pensamento proveniente do discurso masculino da época. É neste momento que percebe-se de que forma as convenções sociais internalizadas pela construção social de sentido são reproduzidas: ao não serem questionadas e não encontrarem barreiras, foram internalizadas não somente por homens, mas também por mulheres.

Afinal, a partir da lógica dialógica, a consciência de cada um ganha sentido na consciência de outro, e o sentido construído coletivamente é o único aceito, logo, as convenções voltadas às mulheres foram encaixadas nessas realidades, Assim, “as relações do sentido entre enunciados distintos são de ordem dialógica (ou, pelo menos, têm um matiz dialógico). O sentido se distribui entre as diversas vozes. Importância excepcional da voz, da individualidade”, (BAKHTIN, 2007, p. 342).

Por fim, a edição N° 4, o último exemplo trazido neste artigo, da coluna *Em Sociedade* (figura 4), veiculada na semana de 20/09/1975 a 27/09/1975, entre as muitas informações do cotidiano as quais são possíveis analisar, uma em especial merece

destaque por ser caráter repetitivo: “*Vinte e três meninas-moças foram apresentadas sábado a nossa sociedade pelo Grêmio Esportivo Patobranquense, que para esta festa da novíssima “safra de menininhas” arrumou seu salão a fino gosto*”, (ROSA, 1975, p. 02, *grifo nosso*).

Uma vez que se percebe a repetição de um signo verbal e tendo ciência de que a construção de sentido acontece no dialogismo, nos enunciados que são compreendidos na mente do leitor que também se faz emissor da mensagem, a utilização desse tipo de escolha lexical apresenta um propósito intrínseco, que reforça a performance que a mulher exercia na sociedade da década de 1970: um ser inocente e ingênuo, que deveria trajar-se de branco para ser admirado de longe para, assim, manter sua pureza. O ideal social, quando materializado pela comunicação verbal, representa a consciência dialógica e coletiva de mundo, uma vez que:

O texto como reflexo subjetivo de um mundo objetivo. O texto é a expressão de uma consciência que reflete algo. Quando o texto se torna objeto de cognição, podemos falar do reflexo de um reflexo. A compreensão de um texto é precisamente o reflexo exato do reflexo. Através do reflexo do outro, chega-se ao objeto refletido. (BAKHTIN, 2007, p. 340-341)

Figura 4: Folha Regional, 1975.



Fonte: Acervo da Biblioteca Municipal Professora Helena Braun

Enquanto material latente do papel de gênero voltado à mulher, a coluna *Em Sociedade* é uma evidência de que o gênero feminino foi submetido a um pensamento paternalista com base na presença masculina nos veículos de comunicação, configurando, assim, a construção social, dialógica e performática do gênero feminino. Entretanto, vale salientar de que forma tais papéis interferiram na presença da mulher no mercado comunicacional da cidade de Pato Branco. Entende-se como essa convenção social influenciou na presença da mulher em outros espaços e como a incidência da mulher contribuiu para a quebra ou perpetuação dessas mesmas convenções.

Como afirmado por Federici (2019, p. 50), ao analisar a participação da mulher nesses espaços, entende-se que as funções por elas desempenhadas eram extensões de tarefas do lar, daquilo que foram treinadas a vida toda para fazer, afinal:

[...] e mesmo aquelas que estão no mercado de trabalho dedicam tempo considerável as tarefas que não lhes fornecem remuneração, assistência social ou aposentadora. Isso significa que o trabalho doméstico ainda é a maior fonte de emprego para as mulheres [...] (FEDERICI, 2019, p. 89)

Enquanto anunciadas nos jornais da cidade, suas ações possuíam em comum o traço de serem norteadas pelo espectro da pureza, do cuidado do lar e da família ou, ainda, pelos concursos de beleza que eram extremamente famosos nas épocas aqui analisadas. Conforme os enunciados aqui analisados mostram, tanto enquanto representação, quanto narração da própria materialidade da vida social, o que se pode deduzir é que apesar de haver um ínfimo espaço na comunicação para a mulher, este era condicionado pelo discurso voltado ao seu gênero, uma vez que alocava espaços pré-determinados e considerados aceitáveis dentro dos padrões para a participação profissional.

Apesar de ser entendida como uma região que prosperou precocemente e entendeu a importância dos meios de comunicação, a atuação profissional da mulher pato-branquense em outros meios, que não os supracitados na coluna *Em Sociedade*, bem como na própria autoria dos textos a ela destinados, surge de maneira íntima, provocando a reflexão sobre a invisibilidade feminina em determinados espaços sociais.

Conclusão

É na interação com a consciência do outro que a construção de sentido revela-se e, dentro da linguagem e das construções sociais de sentido, analisa-se que a ideia performática do papel de gênero ganha sentido no discurso e passa a ser, não somente repetida, mas ensinada, almejada e estabelecida como regra para a vivência feminina na sociedade. Ao condicionar o pensamento e o comportamento, o discurso estabelecido e reproduzido também condiciona os lugares que a mulher deve – ou deveria – ocupar na cultura, na comunidade local, denotando sua presença em determinadas esferas a partir de duas normativas principais: adequada ou inadmissível. Isso ficou explícito ao associarmos as categorias teóricas aqui abordadas à análise da coluna *Em Sociedade*.

Outrossim, é possível notar que o discurso voltado para a mulher pato-branquense, em 1975, era estruturado a partir do viés paternalista, disseminado em recursos discursivos que possibilitaram o fortalecimento dessa ideologia no campo dialógico da comunicação, sendo assim, o pensamento foi comunicado pela massa dominante e internalizado pela massa subjugada, uma vez que o reforço constante da mensagem contribuiu para que as mulheres aceitassem essas convenções como corretas e aceitáveis, sem as questionarem ou interromper o ciclo naquele contexto.

No cotidiano da mulher pato-branquense da época, a performance de gênero convencionou locais de submissão feminina, ante à figura masculina de poder, vigente naquele período, o que fica evidente nos enunciados analisados, especialmente na relação verbo-visual apresentada, por meio do dialogismo presente entre texto e imagens.

Conclui-se, portanto, que a mulher não era a autora da própria história, mas sim, retratada da forma subjetiva, de acordo com a convenção social, performática e dialógica predominante; e, por internalizar esse sentido enunciativo durante muitos anos, verbalizado nos periódicos locais impressos, como o Jornal Folha Regional, sair desse estado de submissão, principalmente profissional, foi um avanço emancipatório, que permitiu a presença das mulheres em outros contextos sociais, bem como nos meios de comunicação da cidade de Pato Branco, como pode ser observado nos dias de hoje.

Referências

BAKHTIN, M. M. **Marxismo e filosofia da linguagem**. 16. ed. São Paulo: Hucitec, 2014.

BAKHTIN, M. M. **Estética da criação verbal**. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

BUTLER, J. **Os atos performativos e a constituição do gênero**: um ensaio sobre fenomenologia e teoria feminista. Tradução DIAS, P. J. Cadernos de leitura, n. 78, 2018.

CARDENAL, J. CORONA, H. **Praça Presidente Vargas**: relação entre espaço público e atores sociais. In. Encontro Nacional da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Planejamento Urbano e Regional – XVII Enanpur. São Paulo, 2017.

FEDERICI, S. **O ponto zero da revolução**: trabalho doméstico, reprodução e luta feminista. São Paulo: Elefante, 2019.

LERNER, G. **A criação do patriarcado:** história da opressão das mulheres pelos homens. São Paulo: Cultrix, 2019.

MAUAD, A. M. O Rio em revista: cultura urbana e lazer nas ilustradas dos anos 1940-1950. In. **História da comunicação:** experiências e perspectivas. SACRAMENTO I; MATHEUS L. C (Orgs). Rio de Janeiro: Mauad, 2014.

MIOTTO, C. **Rádio Celinauta 50 anos:** ondas que unem o Sudoeste do Paraná. Pato Branco: Fadep, 2004.

PISCITELLI, A. **Gênero:** a história de um conceito. São Paulo: Berlendis & Vertecchia, 2009.